
Recebido: 13-01-2021 | Aprovado: 9-02-2021 | DOI: <https://doi.org/10.23882/NE2147>

O perfil do aluno como ponto de partida na definição de estratégias individuais potenciadoras do desempenho académico

The student's profile as a starting point
in defining individual enabling strategies
of academic performance

Ana Cristina Baptista, Akademia, Lisboa, Portugal (cristina@akademia.pt)

Resumo: A Neuroeducação veio integrar nos processos de ensino e aprendizagem os avanços registados nas áreas das neurociências. Estas, ao possibilitarem o mapeamento dos circuitos cerebrais, potenciam o conhecimento do indivíduo e permitem o aperfeiçoamento das estruturas funcionais limitantes da aprendizagem. O objetivo primordial da Neuroeducação centra-se então na otimização do rendimento do indivíduo, privilegiando a sua singularidade, através da autorregulação e da potenciação das capacidades executivas.

Neste contexto, o ponto de partida deverá ser a elaboração do perfil do aluno. Este, além de sinalizar o nível académico, emocional e motivacional geral do aluno, permite criar uma matriz de informação, estruturar as atividades e estratégias a desenvolver sustentando um trabalho pedagógico de base individualizada. Este recurso permite tornar os alunos agentes da sua aprendizagem, autopercecionando, a cada momento, o ponto em que se encontram relativamente aos objetivos finais, autorregulando o seu desempenho e adaptando-se aos desafios que terão de enfrentar.

Palavras-Chave: autorregulação, desempenho académico, neuroeducação, estratégias pedagógicas

Abstract: Neuroeducation came to integrate the advances recorded in the areas of neuroscience in the teaching and learning processes. These processes, by enabling the mapping of brain circuits, enhance the individual's knowledge and allow the improvement of the functional structures that limit learning. The main goal of Neuroeducation is then focused on optimizing the performance of each individual, privileging their uniqueness, through self-regulation and the enhancement of executive capacities.

In this context, the starting point should be the development of the student's profile. In addition to signaling the general academic, emotional and motivational level of the student, allows to create an information matrix, to structure the activities and strategies to be developed supporting an individualized pedagogical work. This resource allows students to become agents of their learning, self-searching at each moment, where they are regarding their final objectives, self-regulating their performance and adapting to the challenges they will face .

Keywords: academic performance, neuroeducation, pedagogical strategies, self-regulation

Há 4 séculos o filósofo Inglês Francis Bacon foi autor da conhecida asserção “saber é poder”. Bacon escreveu “*Nam et ipsa scientia potestas est*” (“Porque o próprio saber é poder”) em “*Religious Meditations*”. Podemos dizer que, desde então, essa tese nada perdeu em termos de atualidade e importância: o conhecimento continua, por si só, a ser um “poder”. Em 2017, a então Secretária-Geral da OCDE, Angel Gurría, referiu, a propósito da importância e impacto da educação, que a mesma alimenta o crescimento pessoal, em especial quando é de alta qualidade e proporcionada de forma equitativa, bem como o crescimento económico, particularmente quando acompanhada da percepção de como as competências estão ligadas ao mercado de trabalho (OECD 2017).

Com efeito, a política educacional das organizações supranacionais (fundamentada em documentos de reflexão, recomendações aos estados e desenvolvimento de programas de trabalho) coloca, cada vez mais, maiores exigências aos sistemas educativos e de formação. A educação e as competências são a chave do crescimento, em particular aquelas que enfatizam a flexibilidade e a capacidade para lidar com a mudança.

A escola tem nas suas mãos um dos maiores poderes do mundo, visto que tem a oportunidade de produzir novo conhecimento e de educar futuros agentes de mudança para uma sociedade cada vez mais evoluída. No entanto, quando se compara o avanço das escolas com o de outras instituições da sociedade, como os transportes, os bancos ou até os supermercados, em que a evolução é bem mais visível, na escola a evolução é mínima. (RATO e CASTRO CALDAS, 2017)

De facto, muitos dos sistemas educacionais existentes, quer a nível internacional, quer no caso de Portugal em particular, não têm revelado estar preparados para lidar com os desafios competitivos de uma economia em crise e de um mundo globalizado. Na maioria dos casos, mesmo com reformas, mais ou menos frequentes, as abordagens mantêm-se convencionais, mantendo foco em metodologias tradicionais que não se ajustam às necessidades atuais.

“Continuamos a favorecer um sistema educativo que premeia fundamentalmente os miúdos que re-

petem aos que recriam. (...) Temos de pensar muito bem que tipo de estratégia queremos para que as crianças, ao mesmo tempo que aprendem, sejam capazes de ser afirmativas e sensíveis.” (SÁ, 2014)

Assim, é perfeitamente natural que nos últimos anos, uma atenção especial tenha começado a ser direcionada para as possibilidades das neurociências na educação. De facto, na última década do século 20, denominada a Década do Cérebro, as neurociências produziram pesquisas relevantes e cada vez mais aplicáveis à educação. Não obstante, é importante ter presente, como referido por BYRNES (2001), que quaisquer que sejam as ideias das neurociências que se queiram implementar na educação, elas devem ser integradas e consistentes com outros modelos da Psicologia e das ciências comportamentais.

A Neuroeducação, ciência recente, tem procurado fazer essa ponte, incorporando nos processos de ensino e aprendizagem os avanços registados nas áreas das neurociências, considerando, em simultâneo, ciências como a psicologia, a pedagogia e outras ciências educativas. Assim, neste âmbito, tem-se apresentado como uma alternativa que ultrapassa as soluções fragmentadas, resultantes das tradicionais conceções unidirecionais. É importante perceber, desde logo, que a neuroeducação não propõe, nem consiste numa nova pedagogia, mas antes, fundamenta a prática pedagógica que já se realiza, demonstrando que estratégias pedagógicas, que respeitam a forma como o cérebro funciona, tendem a ser mais eficientes.

Diversos autores, cientistas e pesquisadores, enaltem as possibilidades desta nova ciência:

ORTIZ e SALDANHA (2017) afirmam que, apenas por compreender a forma como o cérebro adquire e conserva informação e destrezas, se possibilita alcançar os limites da capacidade de aprendizagem.

JUDY WILLIS (2017) refere que a compreensão dos mecanismos cerebrais, a forma como o cérebro aprende, assim como o impacto da genética, das emoções e do meio potencia o conhecimento do indivíduo e possibilita a compreensão de que, cognição, motivação, memória, autoestima, imaginação, intuição, sentido crítico, flexibilidade mental, motivação, criativi-

dade e a autorregulação podem ser melhoradas, a fim de otimizar os desempenhos acadêmicos. Para esta cientista o conhecimento da forma como o cérebro aprende e a aplicação desses conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem devem estar acessíveis a todos os professores.

A escola precisa atender às necessidades de cada um dos estudantes, superar a mera transmissão dos conteúdos e dar oportunidade para o desenvolvimento de competências para que cada um possa aprender de forma autônoma ao longo da vida (DIAS e VEIGA SIMÃO, 2007).

A neuroeducação, enquanto área interdisciplinar do conhecimento das neurociências, da psicologia e das ciências da educação, objetiva melhorar a diade ensino-aprendizagem, identificando as melhores estratégias e potenciando comportamentos de aprendizagem.

A definição dessas estratégias cria melhores métodos de ensino e aprendizagem contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, da atenção, da memória e da linguagem, entre outras áreas que se mostram essenciais na formação da criança.

Essas estratégias têm como princípio a assunção de que cada cérebro é único, plástico e que se desenvolve instrumentalmente ao longo da vida. Desta forma, as estratégias são individualizadas, sempre de acordo com o funcionamento cognitivo de cada sujeito e tendo como objetivo, potenciar e/ou compensar os processos de aprendizagem.

A experiência neuroeducativa da Akademia

A Akademia (www.akademia.pt) é uma empresa de multiactividades para crianças e jovens oferecendo serviços de apoio educacional, de psicologia e de lazer. No âmbito escolar, procura adotar e desenvolver, científica e empiricamente, metodologias inovadoras que fomentem o alto rendimento e o ensino de excelência.

Ao longo de 16 anos de funcionamento tem vindo a deparar-se com problemas, nos alunos, mais ou menos idênticos à escola e ensino em geral: desmotivação, pouca autonomia, falta de maturidade, dificuldades na atenção/concentração, desequilíbrio emocional, baixa autoestima, incapacidade de reconhecer erros e dificuldade em gerir a frustração.

Na Akademia considera-se que grande parte destes problemas advêm do sistema de ensino, cujo objetivo final continua a ser transmitir conteúdos e garantir que os alunos os conseguem memorizar e reproduzir de forma padronizada nos testes de avaliação. Exige-se que todos aprendam da mesma forma, no mesmo momento e se comportem todos da mesma maneira. Cada vez se questiona menos e aos poucos, liquidam-se a criatividade e o pensamento crítico.

Contudo, as salas de aula são ambientes heterogêneos, com alunos distintos. Existem crianças e jovens que precisam de mais incentivo, para quem uma palavra de motivação ou um elogio valem muito. Existem outros casos, de alunos que falam e gostam de expor as suas ideias e pensamentos, enquanto para outros falar em público acarreta um verdadeiro sofrimento. Alguns alunos precisam de se mover e experienciar para aprender, enquanto outros se distraem nos primeiros 5 minutos da aula. Para ensinar é fundamental compreender cada aluno individualmente.

Para dar resposta a estas questões, a Akademia tem vindo a desenvolver um modelo neuroeducativo, que elege os métodos de ensino e aprendizagem como processos dinâmicos, tendencialmente personalizados. Defende-se a promoção da autonomia e o desenvolvimento de estratégias metacognitivas, privilegiando o progressivo envolvimento dos alunos nas tarefas e na responsabilidade da gestão escolar.

O programa assenta nos princípios da Neuroeducação e objetiva uma preparação holística dos alunos. As dinâmicas organizacionais, substancialmente diferentes das praticadas habitualmente, processam-se de forma muito particular e divergem dos modelos tradicionais, sendo orientadas para dotar os alunos das designadas “competências de sobrevivência”. Estas são internacionalmente reconhecidas como importantes para os jovens que vivem e trabalham no século XXI. Incluem criatividade, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração, agilidade e adaptabilidade, iniciativa e empreendedorismo, boa comunicação, capacidade de aceder à informação e analisá-la e, por fim, curiosidade e imaginação.

O modelo consubstancia, como elementos fundamentais, a pedagogia como elemento central no processo educativo, os princípios gerais da neuroeduca-

ção, que apelam à singularidade do cérebro e às suas dinâmicas complexas e a psicologia como ciência privilegiada no estudo do comportamento humano.

Esta é uma nova abordagem, que procura verdadeiramente trazer o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem, e que se foca, sobretudo, nos aspetos motivacionais, valorizando a importância da componente cognitiva e emocional face a uma aprendizagem mecânica dos conteúdos. Entender o perfil de cada criança e de cada jovem, representa dar um passo para extrair o seu máximo, respeitando as suas particularidades e a dar espaço para que eles cresçam e atinjam a excelência.

Para desenvolver e implementar este modelo, criamos um documento de base designado por Relatório de Estratégias Individuais (REI). Este documento consiste num plano individualizado de estratégias e atividades que procura formular respostas eficazes, que tenham em conta as características de cada aluno e que incorporem os diferentes contextos que influenciam o rendimento escolar: o familiar, a sala de aula e, eventualmente, o terapêutico.

Para além destes objetivos, a conceção do REI permite ainda sinalizar situações potencialmente “problemáticas” e propõe, se tal se justificar, quer um tipo de tutoria académica adequada, quer outro tipo de apoio personalizado – apoio psicopedagógico ou apoio psicoterapêutico.

A construção de um REI consiste em diversos passos, mas o aspeto mais importante é a definição do perfil do aluno, que assenta os alicerces na recolha e tratamento da informação. A rigor, todo o processo metodológico tem como recurso instrumental principal a recolha e gestão da informação individual: o conhecimento do contexto social, cognitivo, emocional, académico e contexto escolar atual é essencial para permitir enquadramento para a elaboração de uma estratégia inicial de trabalho.

Por forma a reunir o maior número de dados informativos, são vários os dispositivos avaliativos utilizados:

- Entrevista aos pais
- Entrevista ao aluno
- Questionários de estratégias de Aprendizagem
- Informações escolares
- Relatórios clínicos, psicológicos ou outros

Os diferentes dispositivos são analisados e a informação é cruzada por forma a obter o perfil de cada aluno. Este é composto por três partes: a primeira reflete as características principais do aluno e os dados mais relevantes da sua personalidade, a segunda dá a conhecer os seus interesses e gostos e, por último, há uma parte que apresenta o seu funcionamento enquanto aluno. No perfil do aluno é muito importante identificar as dificuldades e os pontos mais fracos mas é fundamental explorar e reconhecer as habilidades da criança e do jovem e ter em consideração o(s) seu(s) estilo(s) de aprendizagem preferido(s).

Com esta informação reunida passa-se à fase final do documento: proposta de um conjunto de estratégias didáticas e pedagógicas, personalizadas e adequadas a cada caso, para implementação nos diferentes ambientes de aprendizagem do aluno: Família, Escola, Akademia.

Posteriormente, e uma vez iniciado o trabalho em sala com o aluno, surge, naturalmente, nova informação decorrente da atividade escolar normal (realização de trabalhos de casa, estudo diário, etc.), atitudes comportamentais e emocionais, bem como o feedback dos professores relativamente às estratégias dadas. Decorre daqui a contínua necessidade de incorporar e processar nova informação que, potencialmente, poderá determinar uma evolução e/ou alterações no perfil do aluno e, consequentemente, implicar a reformulação ou a adoção de novas estratégias.

A metodologia tem assim inerente uma dinâmica personalizada ditada pelos resultados, atitude e comportamentos do aluno pelo que, como inicialmente sabido, o processo de gestão da informação se mantém absolutamente crucial.

Conclusão

É uma evidência que a educação, o ensino e a escola têm de mudar. Só assim será possível, não só responder às novas exigências da sociedade e da economia, mas também atrair, motivar e criar estímulos que levem a que os alunos participem ativamente no processo de aquisição de conhecimento, algo cada vez mais essencial para o seu futuro.

Essa transformação já se iniciou, e todos nós pais, professores, educadores em geral temos de acompanhar. O nascimento e desenvolvimento de novas abordagens, como a neuroeducação, assim o refletem.

Cada vez mais se procura, verdadeiramente, trazer o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem. Cada vez mais nos focamos, sobretudo, nos aspectos motivacionais, valorizando a importância da componente cognitiva e emocional face a uma aprendizagem mecânica dos conteúdos.

A implementação de programas, baseados na neuroeducação, que estabelecem a relação entre o cérebro e a aprendizagem, constituem uma alternativa inovado-

ra para a obtenção do sucesso escolar, que contraria e se distingue dos postulados da educação tradicional. Apesar de o ritmo a que esta ciência avança ser lento, quando comparado com outras áreas científicas, o caminho aparenta ser bastante promissor.

Nessa linha, o programa desenvolvido pela Akademia é apenas uma experiência que, ainda que se possa considerar incipiente, sem dados científicos rigorosos, pelo crescimento e consistência que tem vindo a desenvolver, vem reforçar a ideia da necessidade da implementação de novas metodologias que garantam a proatividade dos alunos para que estes encontrem felicidade na aprendizagem.

Referências

- Akademia. (2020). Soluções educativas para crianças e jovens. Retrieved from <http://www.akademia.pt/>
- Bacon, F. (1903) The Essays of Sr. Francis Bacon ... His Religious Meditations. Places of Perswasion and Disswasion. Seene and Allowed. *Volume 2 de The Bibliographer*. H. Hooper (edits.), New York
- Byrnes, J. P. (2001). *Minds, Brains, and Learning: Understanding the Psychological and Educational Relevance of Neuroscientific Research*. Guilford books New York
- Dias, P. D., & Veiga Simão, A. M. (2007). *O conhecimento estratégico e a auto-regulação do aprendente*. In A. M. Veiga Simão, A. Lopes da Silva, & I. Sá (Orgs.). *Auto-regulação da aprendizagem* (pp.93-130). Portugal: EDUCA
- Marques, A. C. (2014, Sept 25). Eduardo Sá: "Os bons filhos são aqueles que nos trazem problemas". *Observador*. Retrieved from <https://observador.pt/2014/09/25/eduardo-sa-os-bons-filhos-sao-aqueles-que-nos-trazem-problemas/>
- OECD. (2017). *Education at a Glance 2017: OECD Indicators*. OECD Publishing, Paris.
- Ortiz T., & Saldanha, A. (2017). *Guia de Intervenção em Neuroeducação*. Coisas de Ler, Lisboa
- Rato, J. & Caldas, A. C. (2017). *Quando o cérebro do seu filho vai à escola : boas práticas para melhor a aprendizagem*. Verso da Kapa, Lisboa
- Akademia (). *Relatório de Estratégias Individuais (REI)*. Lisboa: Akademia.
- Willis, J. (2017). *Why teacher education should include neuroscience*. Retrieved from <https://www.teachthought.com/pedagogy/why-teacher-education-should-include-neuroscience/>